

CORPOREIDADE E BIOÉTICA: FUNDAMENTOS HUMANOS DA FISIOTERAPIA

INTRODUÇÃO

Pensar as diferentes possibilidades de articular a bioética com a fisioterapia, certamente, é uma tarefa indispensável para se fundamentar os conhecimentos e as práticas da fisioterapia. Há muitas maneiras de ordenar esta articulação. E, neste sentido, nada mais adequado do que desenvolver reflexões de diferentes pontos epistemológicos, terapêuticos e pedagógicos. O presente capítulo apresentará o tema sob um olhar filosófico. Entretanto, é preciso sublinhar que esse olhar filosófico não adota a compreensão da filosofia como uma entidade intelectual unívoca, a exemplo do discurso científico, mas como uma atividade plurívoca, livre e renovável. Portanto, em lugar de falar em filosofia, o mais correto seria falar em filosofar. O filosofar entende a filosofia, não como explicação ou resposta às questões, mas como reflexão circular. Assim, a filosofia não exercerá função de responder, de condenar ou de aplaudir, mas de despertar reflexões, tocar consciências e promover debates.

O filosofar, falando heideggerianamente, é uma forma de pensar que se infiltra entre o revelar-se e o ocultar-se do ser. O ser bioético e o ser fisioterapêutico se revelam e se ocultam entre conceitos, definições, procedimentos e normas profissionais. A dinâmica deste filosofar ocupa o espaço entre a ciência e a arte. Ou, em outras palavras, é, ao mesmo tempo, ciência e arte. É ciência, porque elabora seu discurso com uma argumentação construída logicamente. É arte, porque tem a liberdade de olhar ao mesmo tempo em múltiplas direções, preservando a totalidade, e considera as coisas e as palavras como o artista entrelaça traços e formas, e combina cores.

O ponto de partida, aqui, está estabelecido pelas palavras que anunciam o tema. A metodologia começa pela escuta e pelo olhar. A escuta obedece às normas da linguagem escrita. O que exige um determinado espírito de rigor científico. O olhar segue os fluídos da sensibilidade. O que clama por uma inspiração estética.

As filosofias metafísicas e racionalistas consideram as palavras como sendo entes estáticos, fixos, sem vida e sem movimento como garantias de um sentido universal. Entretanto, hoje, as teorias hermenêuticas insistem que as palavras têm vida, movimento e história, porque são símbolos, da mesma maneira que as obras de arte. Escutar uma palavra exige a mesma atitude que olhar um quadro.

Para entender melhor, uma observação pode colaborar. Muitos consideram as obras de arte algo imóvel. Na verdade elas representam apenas um momento de um movimento que tem precedentes e conseqüentes. Dois exemplos. Primeiro, o Moisés de Miguel Ângelo. Geralmente, para grande número de seus admiradores é visto como uma escultura perfeita, acabada e imóvel. Estudiosos mais atentos vêem o Moisés executando um momento de um movimento mais amplo, resultante de gestos anteriores e indicador de gestos futuros. Segundo exemplo, os “Comedores de Batatas” de Van Gog. Não se trata, apenas, de um jantar familiar à luz de um

candeeiro, mas da história de pessoas de um estrato social, narrada em cores, luzes, sombras, pobreza e humildade.¹

O enunciado do tema deste capítulo oferece ao leitor um conjunto de palavras ordenadas entre si segundo regras lingüísticas, como um convite desafiante para pensar. A continuidade desta reflexão filosófica pretende atender ao desafio do convite. E o desafio do convite se manifesta em quatro substantivos e um adjetivo, sendo a corporeidade e a bioética devem se constituir nos fundamentos humanos da fisioterapia.

O primeiro passo será dado em direção ao ser humano, ponto de partida para se pensar em corporeidade e bioética.

1. A GERAÇÃO DO SER HUMANO

A existência do ser humano é uma realidade. A sua origem é, ainda, uma interrogação, embora respondida por duas grandes correntes do pensamento ocidental: o Criacionismo e o Evolucionismo. Aqui, será adotada a teoria evolucionista, inaugurada por Darwin, e explicitada em sua obra, “A Origem das Espécies”.² Fica dispensada a apresentação de justificativas pela opção, diante do fato que as teorias evolucionistas são amplamente conhecidas. Além disso, há uma unanimidade entre os cientistas, biólogos, geneticistas e neurocientistas.

O evolucionismo parte da tese de que todos os seres vivos, de qualquer espécie, humana ou não, são resultantes de uma cadeia evolutiva progressiva, embora não linear. Assim, a natureza seria a criadora e a condutora deste processo evolutivo.

Para melhor compreender tal potencial evolutivo, é importante sublinhar que a palavra natureza, geralmente adotada como tradução e sinônimo da *Physis* grega, ela reduz a abrangência de seu significado. A *Physis* é a origem de todas as coisas, daquelas que são e daquelas que virão a ser. Ela pode significar a realidade física pronta, acabada, estável, e, ao mesmo tempo, ela significa movimento e transformação. Ela é o fundo eterno, imortal, imperecível de onde tudo brota, nasce e se desenvolve. A *Physis*, resumidamente, significa origem e manifestação. Neste sentido, a palavra Gênese expressa o significado original da *Physis* grega. Portanto os seres humanos não foram criados, mas gerados no interior das transformações genéticas conduzidas pela natureza (*Physis*).

Esta compreensão da *Physis* grega, como gênese, é fundamental para entender a geração do ser humano e para identificar as raízes da corporeidade e da bioética.

¹ Na carta a seu irmão Théo, quando se refere a esse trabalho, diz: "Apliquei-me conscientemente em dar a idéia de que estas pessoas que, sob o candeeiro, comem suas batatas com as mãos, que levam ao prato, também lavraram a terra, e meu quadro exalta portanto o trabalho manual e o alimento que eles próprios ganharam tão honestamente". Vemos aqui a consciência do conteúdo social tratado e a preocupação do artista em ser fiel à simplicidade dessas pessoas, não apenas mostrando a pouca comida, mas também a escassez de recursos, tanto na casa como nas roupas simples. Com esse sentimento verdadeiro e nada piegas em relação aos pobres e humildes trabalhadores, Van Gogh nos faz "pensar num modo de vida totalmente diferente do nosso, de gente civilizada".

² Darwin, Charles. A Origem das Espécies. Obra publicada em 1859.

2. REPRESENTAÇÃO MENTAL DO SER HUMANO

A Physis levou centenas de milhares, talvez, milhões de anos, até gerar e criar um tipo de ser vivo, definido como a espécie humana. Como todas as demais espécies de seres vivos, essa nova espécie surgiu como um organismo vivo, cujas propriedades e características o diferenciavam dos demais tipos de seres vivos. Esse novo e original organismo vivo definia a sua presença, e era a fonte de todas as suas manifestações.

A espécie humana, como todas as espécies vivas, pautava sua vida na busca dos recursos necessários à satisfação de suas necessidades, parâmetros primeiros de sobrevivência individual e coletiva. Entretanto ela era dotada de uma capacidade cerebral que lhe dava o poder de planejar, de criar e de organizar sua vida. Tal capacidade foi caracterizada como poder mental, através da qual os humanos passaram a representar idealmente, em imagens, a realidade externa e a si mesmos. Tal fenômeno colocou os humanos num cenário privilegiado no conjunto de todas as espécies vivas.

A espécie humana, tudo indica, não reconheceu no seu organismo vivo, atualmente sintetizado no conceito corpo, como sendo sua identidade específica e sua realidade total. A recusa do reconhecimento de seu organismo, como o modo de ser do ser humano, inspirou a necessidade de buscar para além do corpo um elemento que definiria o especificamente humano.

Tudo começa pelas narrativas míticas. A tradição mítica ocidental guarda, desde seus primórdios, duas matrizes míticas: a grega e a bíblica. A matriz da mitologia grega coloca Prometeu como o responsável pelos seres humanos. As narrativas não são concordes, mas, em geral, conta-se que o mundo era Caos. Um bom deus, talvez, Zeus resolveu por tudo em ordem. No final da ordenação, constatou-se que era necessário criar um ser mais nobre. Prometeu moldou na argila o homem à semelhança dos deuses, entretanto faltava aquele elemento que o tornasse superior a todos os animais. A solução foi recorrer a Zeus. Este, além de não atender o apelo prometeico, tentou destruir a sua obra. Foi então que o protetor dos homens roubou uma centelha de fogo de Zeus e a entregou aos homens, tornando-os superiores a todos os animais e dando-lhe a possibilidade de se desenvolverem graças à capacidade, adquirida com o fogo, de construir conhecimentos. Fica claro que o especificamente humano está para além da ordem corporal. Sua origem está numa outra esfera e pertence a outra hierarquia de seres.

A matriz bíblica está contida nas duas narrativas da criação no livro do Gênesis. Em relação ao homem uma variante do texto diz: “O Senhor Deus formou, pois, o homem do pó da terra, e insuflou-lhe pelas narinas o sopro da vida, e o homem transformou-se num ser vivo”.³ A interpretação mais freqüente desta passagem bíblica identifica o sopro como sendo o espírito ou alma. Entretanto, uma hermenêutica de todo mito bíblico, com base no paradigma existencialista, entende que no ato da criação, o Criador apenas criou um ser vivo, não necessariamente o ser humano. O ser humano teria alcançado o seu estatuto de humanidade apenas quando acessou o conhecimento do bem e do mal. Fato que lhe daria autonomia e consciência de sua existência. Os castigos recebidos garantiriam essa interpretação, pois eles nada mais são do que componentes da existência humana.

³ Bíblia Sagrada. Stampley Publicações Ltda. São Paulo - SP

Para completar essa busca do humano para além do corpóreo, há uma semelhança com a cultura hindu, enquanto afirma que Purusha é o Deus no interior do homem. A lembrança da tradição védica torna-se significativa, pois a ela está vinculada grande parte das terapias alternativas que nos vem do Oriente, propostas pela Ayurveda, e que cada vez mais encontra acolhida entre os profissionais da saúde que acreditam na eficácia de outros princípios terapêuticos alternativos.⁴

O pensamento racional, desenhado pelos gregos, geralmente lembrado como filosofia, mas que, nada verdade, é o sistema de produção de conhecimentos segundo princípios lógicos, na época, denominado de epistheme. Neste paradigma epistemológico, o ser humano continua separado em duas partes, uma somática ou física; outra psíquica ou mental. Platão, apenas para repetir, foi aquele que traçou com toda clareza a divisão entre o somático e psíquico.

A Modernidade, a exemplo da Idade Média, não superou o dualismo antropológico platônico, talvez, o tenha reforçado. Mas, se tanto não fez, certamente, o reformulou em outros termos. René Descartes (1596-1650), proclamado fundador da filosofia moderna e pai da matemática moderna, foi o responsável pela consolidação do novo dualismo, cuja herança predomina, até hoje, no pensamento ocidental em todas as áreas. Criou-se um jogo binário com tese e antítese, sem síntese. A razão se torna a entidade superior, em substituição à psique e à alma, para garantir a humanidade plena do homem na superação de crenças e mitos. Na Razão, ou Racionalidade, reside a identidade do ser humano. Nunca a definição do homem como um ser racional, foi tão celebrada quanto durante a Era Moderna. A cientificidade de todas as ciências modernas, passa por seu crivo, tanto das exatas ou da natureza (Naturwissenschaften), tanto das humanas ou do espírito (Geistwissenschaften). Cabe às luzes da razão emitir o juízo final sobre a verdadeiro e o falso, e estabelecer os critérios sobre o que é bem e o que é mal. Portanto, a Razão não é apenas a guardiã do saber verdadeiro, mas também dos fundamentos da ética.⁵

Dois pontos precisam ser focados, mais adiante retomados, o de que a razão, para Descartes, age com independência total do corpo. E o corpo, por sua vez, é uma máquina, e deve entregar o controle das ações para alma.

As ciências empíricas assumiram o corpo como um objeto, nada diferente dos demais objetos de suas investigações. Em especial, a física, a mecânica e a biologia estiveram na frente de todas as investidas para penetrar nos segredos do corpo humano. As ciências humanas concentraram suas atenções sobre as faculdades mentais do ser humano. A filosofia, por exemplo, concentrou-se nas capacidades cognitivas; a história fixou-se sobre a ação livre do homem, guiada pela racionalidade e pela consciência; por fim, para resumir, a psicologia clássica privilegiou a psique ou o psiquismo humano, como discernimento sobre questões morais. Coube a Freud (1856-1939), através da psicanálise, em especial o princípio da libido, aproximar intimamente a psique das manifestações corporais.

⁴ Segundo os princípios da antiga medicina hindu, a dieta adequada a cada tipo de constituição é a base da saúde e da harmonia do corpo e da mente. A alimentação é a base dos recursos terapêuticos do Ayurveda, o milenar sistema médico indiano, e a principal condição de sua eficácia, tanto na prevenção como no tratamento de doenças, está na elaboração de uma dieta individualizada, quando se leva em conta a constituição psicofísica de cada pessoa.

⁵ Descartes, René. O Discurso do Método. Col. Pensadores. São Paulo. Abril Cultural. 1979.

3. O CORPO E O SER HUMANO

Num primeiro momento, é bom sublinhar que o tema do corpo é inesgotável. Ele será sempre o núcleo indevassável dos enigmas ou segredos do ser humano. Até aqui, neste capítulo, a questão esteve vinculada ao esforço da humanidade em definir sua identidade. Infelizmente, neste contexto, o corpo aparece como um elemento insuficiente para garantir o elemento humano da espécie humana.

Num segundo momento, não se pode esquecer que, se, de um lado, as ciências humanas prescindiram do corpo para compreender o ser humano, por outro lado, as ciências empíricas agiram como se a consciência nada ou pouco representasse.

Num terceiro momento, aspecto a ser tratado agora, é a “Ressurreição do Corpo”, para usar a expressão de Roy Porter⁶. O ponto central deste corpo ressuscitado está na perspectiva de olhar o corpo a partir do corpo mesmo. E o corpo se apresenta nas suas diferentes formas de manifestações. A visibilidade primeira parece ser a sexualidade, sendo que Porter começa seu artigo lembrando Leo Steinberg ao referir-se que a pintura renascentista retrata o Cristo, chamando a atenção para seu pênis. Na esteira deste debate seguem-se novas vivências da sexualidade com acento no prazer ou nos enfrentamentos de gênero. Seguem-se os conflitos da permissividade e do desnudamento do corpo, ressaltando suas formas e contornos, e exaltando suas potencialidades físicas ou sedutoras.

Esses recentes e atuais desdobramentos corporais são celebrados com muito entusiasmo em nome da tese de que estamos na era da libertação do corpo. Uma liberdade, entretanto, questionada por muitos. Entre eles, para ser breve, cito Michel Foucault e Jean-Marie Bruhm. Para eles, o corpo, proclamado livre, acaba por ser submetido a outras formas de controle e dominação⁷.

Esses pontos, certamente, são importantes para a fisioterapia e outras práticas terapêuticas, entretanto, os limites desta reflexão filosófica não permitem maior atenção, e, também, porque o objetivo primeiro está na filosofia.

O espaço, para que o corpo se tornasse objeto da reflexão filosófica, surge durante o século XX. Os filósofos existencialistas, não foram os únicos, retiraram o ser humano das estratosferas metafísicas e o trouxeram para a esfera da existência. O ser humano não pode ser compreendido pelos conceitos abstratos e metafísicos, mas nos limites de sua existência, que vai do nascimento à morte. A primeira palavra chave, marco desta nova antropologia filosófica, é o Dasein de Martin Heidegger (1889-1976)⁸. Portanto, o existir é o modo de ser do ser humano. Apesar da compreensão do ser humano ter decido das nuvens metafísicas, ele, enquanto existência, continua sendo focado como consciência. A consciência de si, isto é, de se reconhecer estando

⁶ Porter, Roy, História do Corpo. In Burke, Peter, A Escrita da História. Trad. Magda Lopes. São Paulo. EDUSP. P. 291-326, 1992.

⁷ Foucault, Michel. Microfísica do poder. Rio de Janeiro. Edições Graal. 1979. Brohm, Jean-Marie. Sociologie Politique du sport. Paris, Delarge, éditeur. 1976.

⁸ A tradução da palavra Dasein não é consensual. Alguns a traduzem como existência. Os franceses a traduzem por “L’être-la”. Baseados na tradução francesas, tradutores brasileiros a traduzem como “ser-a”. O significado seria: o ser humano existe num momento e num lugar.

num tempo e num lugar, e obrigado a se assumir nos seus limites existenciais, é, ainda, o referencial de identidade humana.

O passo seguinte, seguindo as perspectivas fenomenológicas e existencialistas, foi dado por Maurice Merleau-Ponty. Segundo ele, a presença e a visibilidade do ser humano acontecem graças ao corpo. O ser humano é corpo. O corpo é expressão da identidade de cada um. Portanto, antes do “eu penso” ou do “eu existo como autoconsciência”, há o “eu sou corpo”. Essa afirmação, com maior força e radicalidade, pode ser traduzida por o “eu é corporal”.

Aqui, é importante lembrar que o significado de corpo, em Merleau-Ponty, não é limitado às dimensões físicas ou materiais do ser humano, em oposição às dimensões mentais ou intelectuais, conforme as antropologias correntes. O corpo é o todo do ser humano. Ele abrange a totalidade do seu ser e das suas manifestações. Portanto, nenhuma faculdade psíquica está excluída do corpo. Tudo nele está enraizado. Tudo é manifestação corporal.

A expressão, “eu sou corpo”, entendida segundo o princípio de reversibilidade epistemológica em que o sujeito e o objeto podem trocar de posição, se transforma em “o corpo é eu”. Continuando o raciocínio, a mesma reversão pode ser feita em relação ao mundo. Assim, eu sou mundo, e o mundo é eu. Portanto, o sujeito e o objeto não se opõem, mas se confundem. Da mesma maneira o eu é o mundo, e o mundo é eu. O exemplo das mãos que se tocam, invocado por Merleau-Ponty, torna o fenômeno compreensível. Assim, a mão que toca é, ao mesmo, tocante e tocada. O corpo, que vê, é vidente e visto. A mesma idéia está expressa neste koan Zen: “Você pode produzir o som de duas mãos batendo uma na outra. Mas qual é som de uma das mãos?”⁹

Essas posições se converteram nos preâmbulos da proclamação da Unidade Cósmica, berço dos movimentos ecológicos e das teorias holísticas.

O avanço da biologia molecular e das neurociências se não confirmam a tese filosófica da identidade corporal do ser humano, pelo menos trazem um reforço inestimável. O neurobiólogo, Antônio Damásio, chefe do Departamento de neurobiologia da Universidade de Iowa, escreveu: “O primado do corpo como tema aplica-se à evolução: do simples ao complexo, durante milhões de anos, os cérebros surgem a partir dos organismos que os possuem”. Para Damásio os “acontecimentos mentais são o resultado da atividade nos neurônios do cérebro”. Assim, o “eu é uma função neural”. “Ter um eu, um eu único, é perfeitamente factível. Existe um eu para cada organismo. Essas três afirmações refletem, resumidamente, o pensamento de Damásio em relação às atividades mentais como manifestações cerebrais.”¹⁰

Humberto Maturana, biólogo chileno, segue a mesma trilha de Damásio, entretanto, na área da biologia molecular. Durante muito tempo pesquisou uma fórmula que lhe desse a compreensão da constituição dos seres vivos. A solução foi encontrada na palavra, autopoiese. Inspirado nesta palavra, escreveu Maturana: “A compreensão do caráter sistêmico dos fenômenos que abrangem o vivo, que a teoria da autopoiese faz possível, permite explicar a origem dos seres vivos na terra, ou em qualquer lugar do cosmos, como o surgimento espontâneo de um ser vivo como

⁹ Apud Capra Fritjof. O Tão da Física. São Paulo. Cultrix, 1983. p. 45.

¹⁰ Damásio, António. O Erro de Descartes: emoção, razão e cérebro humano. São Paulo. Cia. Das Letras. 1996, p.256-259. Conf. Damásio, António. O Mistério da Consciência. São Paulo. Cia. Das Letras. 2000.

entidade distinta, tão logo quanto se estabeleça a dinâmica autopoietica molecular enquanto fenômeno sistêmico”.¹¹ Pela autopoiese, insiste Maturana, é possível entender como funciona o ser vivo, de qualquer espécie, por ser um sistema autoreferido. Todo sistema autoreferido, exclusivo do ser vivo, se constitui como um processo autônomo autocriativo e auto-organizativo. Ele não precisa de operador externo para funcionar, como acontece com as máquinas, artefatos industriais, que são sistemas alioferidos. No ser vivo quem opera todas as manifestações, que começam pela gênese de sua própria constituição, é a vida.

Diante do exposto pode-se perceber dois cenários. O primeiro é desenhado na esfera do conhecimento tendo como dinâmica a tensão entre as partes e o todo. A ênfase nas partes tem sido sustentado pelo paradigma mecanicista. O privilegiamento do todo está na base do paradigma da complexidade ou ecológico.

O segundo cenário apresenta a compreensão do ser humano como um ser corporal. Um corpo, totalidade humana coletiva e individual, de tal maneira que a espécie humana pertence à rede dos seres vivos, e cada corpo individual, humano ou não, constroi sua própria corporeidade. Essa, certamente, pode ser identificada como o eu único de que fala António Damásio.

4. BIOÉTICA E BIOETICIDADE

A palavra bioética continua, ainda, sendo uma palavra nova, mas suas vertentes etimológicas são milenares. Inicialmente, ela expressou uma preocupação para definir as normas relacionais entre médicos e pacientes. Durou pouco essa circunscrição limitada. Em pouco tempo ela se fez presente no centro de muitos debates em diferentes áreas, tanto das práticas profissionais, quanto das pesquisas científicas.

Duas observações, ainda que rápidas, se tornam indispensáveis. A primeira se refere à etimologia. Junção de duas palavras gregas, bios (vida) e ethos (costume). Quanto ao segundo termo, ethos, Jean Bernard chama a atenção que pode ser grafado, em grego, de duas maneiras, com eta ou com épsilon,¹² com significados diferenciados. Éthos, grafado com eta, designa o conjunto dos hábitos, dos comportamentos cujo enraizamento faz deles uma “segunda natureza”. Quando grafado com épsilon, significa o “lugar correto de todas as coisas”. Exemplo, o lugar correto do sol é o Leste, quando se levanta. Antecipando a aplicação desta segunda acepção para a bioética, conclui-se que pertence à vida, presente na corporeidade, estabelecer o lugar correto do ser vivo.¹³

“A ética implica uma reflexão crítica sobre os comportamentos e começa a existir com Aristóteles”. E esta palavra sábia, em oposição ao seu equivalente latino “moral”, supõe que se interrogue sobre os princípios e que se discuta isso.¹⁴

A segunda observação refere-se à distinção conflituosa entre ética e moral. Etimologicamente, tanto ética, de origem grega, tanto moral, de origem latina, se referem aos costumes, Ethos e Mos-ris significam costume. Por isso, em geral, são

¹¹ Maturana. H.Varela, F. De Máquinas e Seres Vivos. Porto Alegre, Artes Médicas, 1997. p. 24.

¹² As duas letras gregas, épsilon e eta têm a mesma pronúncia e a mesma tradução.

¹³ Bernard, Jean; Da biologia à ética. Bioética: Os novos poderes da ciência. Os novos deveres do Homem. São Paulo. Editorial PSY II. 1994, p. 25.

¹⁴ Bernard, Jean. Op. Cit. P. 25-26

tratados como sinônimos. Entretanto, para estudiosos mais exigentes, a ética seria o fundamento científico ou racional da moralidade. E a moral designaria as normas reguladoras do comportamento humano. Essa distinção, entre outras explicações, pode ser fundamentada no fato de que, com o surgimento do cristianismo e sua aproximação ao pensamento grego, o importante passou a ser o estabelecimento de normas práticas de se viver segundo valores morais, cuja fonte era a Divindade. Neste sentido se pode afirmar que a moral se tornou um código de normas ou preceitos. A Idade Moderna, colocando a Razão como a responsável pela verdade científica, também ficou com a tarefa de encontrar um fundamento racional para a definição de princípios universais da conduta humana. Na trilha das tentativas de assegurar a universalidade da eticidade, surgiram as chamadas éticas cognitivistas, sem alcançar o objetivo esperado.¹⁵

O desafio, atualmente, talvez, diante do fracasso das éticas cognitivistas, está nos enfrentamentos para se construir a Bioética como o referencial universal para se intervir nos seres vivos, em especial, nos seres humanos. Para ser breve, é possível lembrar três fundadores de bioeticidade.

No universo religioso e teológico, o fundador único da bioética só pode ser a Divindade. Deus é o autor e senhor da vida. Somente a Ele cabe decidir sobre a vida e a morte. Qualquer intervenção no ser vivo deve seguir os mandamentos contidos nos livros sagrados e controlados pelas autoridades eclesiásticas.

Para os intelectuais e cientistas da era Moderna, o fundador da bioética deve ser procurado no conhecimento racional e científico. Portanto, o tratamento ou manipulação dos seres vivos devem ser ditados pelas ciências. Henri Atlan resume em poucas palavras a posição sustentada por muitos: “Não acreditamos mais nas religiões, nem nas filosofias, somente na ciência, porque ela é bem sucedida. É, portanto, dever dos cientistas nos indicar como devemos viver.”¹⁶ P. 63.

Por fim, escutando o que diz etimologicamente a palavra bioética, a vida seria o legítimo fundador da bioeticidade. Bioética, então, significaria o costume ou o comportamento da vida. Ela aponta a cada organismo vivo o lugar correto de se desenvolver. Portanto, qualquer intervenção no ser vivo deve atender ao dinamismo de que é dotado. Ele é autopoietico, isto é, auto-organizável.

A bioética, assumida como o costume da vida, encontra fundamento no paradigma da complexidade que, por sua vez, busca inspiração nas idéias da Unidade Cósmica, do Holismo e da Ecologia.

Dentro das possibilidades de decifrar o enigma da complexidade referente ao ser vivo, é preciso evitar o isolamento do organismo vivo. Ele forma um todo com seu meio ambiente em toda sua abrangência, no caso do ser humano não se pode esquecer a dimensão sócio cultural. A fenomenologia nos oferece o termo *Lebenswelt* – o mundo da vida – como a síntese desta totalidade ser vivo e meio ambiente. O mundo da vida abrange o organismo vivo com todo seu entorno, onde residem os recursos para viver e se desenvolver. Cada organismo vivo, de acordo com sua corporeidade própria, sabe buscar os recursos de que precisa para satisfazer suas necessidades.

¹⁵ Cf. Freitag, Bárbara. *Itinerários de Antígona: A questão da moralidade*. Campinas SP. Papyrus. 1992.

¹⁶ Henri Atlan, *Teórico da Auto-Organização*. In. Pessis-Pasternak. G..*Do Caos à Inteligência Artiicial*. São Paulo, UNESP. 1993. p. 63.

Neste sentido é bom lembrar que determinados organismos vivos apresentam anomalias se comparados aos padrões de normalidade das ciências. Isto pode ocorrer no interior de um indivíduo ou numa coletividade. Por exemplo, alguns indivíduos, raramente, têm o coração no lado direito. Uma corporeidade humana pode colocar o coração no lado direito. Esse é *ethos* – o lugar correto – deste organismo, lembrando a expressão de Jean Bernard. A história da medicina nos mostra anomalias hereditárias presentes em todos os indivíduos de uma comunidade. Konrad Lorenz nos relata o fato de que em Gâmbia havia uma comunidade indígena que sofria de anemia falciforme. Essa doença hereditária era necessária para que a população permanecesse “sadia”. O mesmo princípio, avisa ele, pode ocorrer em qualquer outros espaço vital.¹⁷ O exemplo do polvo, retirado das águas poluídas do porto de Marselha e colocado num recipiente com água limpa, morreu em poucos minutos.¹⁸

5. FUNDAMENTOS HUMANOS

Duas palavras, apenas para justificar o emprego destas duas palavras, fundamentos humanos, e mostrar sua íntima relação com as interpretações, já expostas, de corporeidade e de bioeticidade, sem falar de toda linha desta reflexão.

De imediato, a palavra fundamento não é assumida como algo estável, seguro, imóvel, permanente, sinônimo de alicerce, sobre o qual se pode construir uma casa, uma torre, um castelo, uma catedral. Fundamento, aqui, é empregado com o significado de raiz. O alicerce sugere estabilidade e imobilidade. A raiz é algo em contínua atividade, que cresce e faz crescer, e que busca o equilíbrio do todo.

As raízes, componentes fundamentais dos vegetais, em geral, desenvolvem quatro funções básicas: a alimentam, regeneram, sustentam e harmonizam o ecossistema.

Portanto o fundamento-raiz pretende dar a idéia de que corporeidade e bioeticidade nunca serão realidades estáticas, mas em constante mobilidade por estarem entre as múltiplas manifestações da vida. Neste sentido será preciso rever e redefinir a nossa compreensão de corpo e bioética.. A raiz, bios (vida), jamais deixará de redesenhar o *ethos* (costume) para garantir a sobrevivência do ser vivo. Os “costumes” da vida não foram definidos para sempre. Se assim o fosse não teria havido evolução.

O adjetivo humano aparece para chamar a atenção sobre a possibilidade de se definir procedimentos terapêuticos ou fisioterapêuticos que são eticamente questionáveis. A esse respeito há uma vasta literatura mostrando que as infrações podem estar diretamente ligadas aos procedimentos terapêuticos ou às instituições e organizações destinadas ao cuidado dos doentes. Os temas mais significativos e polêmicos envolvendo a eticidade dos procedimentos terapêuticos estão estritamente relacionados às questões dos recursos oriundos de modificações genéticas.

Ivan Illich, ao lado de Michel Foucault, sem dúvida teceu críticas contundentes a todo sistema medical, baseado nas ciências e tecnologia, sem falar nos interesses

¹⁷ Lorenz, Konrad. *Der Abbau des Menschlichen*. München. Piper & Co. 1983. p. 196.

¹⁸ Exemplo apresentado pela televisão francesa em 1973.

corporativistas, econômicos e políticos. Nada melhor, sejamos a favor ou contra, do que transcrever algumas passagens de sua obra, *Némésis Médicale*:

“Le détachement professionnel, la négligence et la pure incompétence sont des formes de malfaçon vieilles comme le monde. Avec la transformation du médecin artisan exerçant son habilité sur des individus connus personnellement em médecin tecnico aplicando de règles scientifiques à des catégories de malades, les malfaçons ont acquis un nouveau statut, anonyme et presque respectable”.¹⁹

“Dans un hôpital où la technique est complexe, la négligence devient erreur humaine aléatoire, l’insensibilité, détachement scientifique et l’incompétence, manque d’équipements spécialisés. La dépersonnalisation du diagnostic et de la thérapeutique a fait passer les malfaçons du domaine éthique au rang de problème technique”²⁰.

“L’environnement en vient à être vu comme un milieu artificiel et le professionnel de la santé comme le bureaucrate qui assigne a chacun son coin propre.”²¹

Estas citações, embora tenham como referencial principal a área da medicina, não há dúvida que, em grande parte, podem ser transferidas para os demais profissionais da saúde, especialmente no que se refere aos comportamentos tecnocientíficos. Nem sempre a eficácia da tecnologia e da ciência parte da condição humana, mas do ponto de vista de uma suposta eficácia, inspirada em modelos científicos. A formação acadêmica fica muito mais sobre manuais e prontuários do que no contato com pessoas. Muitos pensam que a história científica de uma categoria de doentes corresponde à história real da cada pessoa doente.

6. POSSÍVEIS PROCEDIMENTOS FISIOTERAPÊUTICOS

Não se trata aqui de estabelecer um receituário dos procedimentos fisioterapêuticos por duas razões. Uma porque seria a negação de tudo o que foi dito. Outra porque não cabe a uma reflexão filosófica tal tarefa. Tudo começa pela adoção de um paradigma epistemológico e ético. Dele emergem diferenças de procedimentos junto com diferentes perfis de profissionais.

¹⁹ Illich, Ivan. *Némésis Médicale – L’expropriation de la santé*. Paris. Seuil. 1975. p. 41 Trad. O desinteresse profissional, a negligência e a pura incompetência são formas de malefícios velhas como o mundo. Com a transformação do médico artesão exercendo sua habilidade em indivíduos conhecidos pessoalmente, em médico técnico aplicando regras científicas a categorias de doentes, os malefícios adquiriram um novo estatuto, anônimo e quase respeitável.

²⁰ Idem, *ibidem*. Trad. Num hospital onde a técnica é complexa, a negligência se torna erro humano *aleatório*, a insensibilidade, *neutralidade científica* e a incompetência, *falta de equipamentos especializados*. A despersonalização do diagnóstico e da terapêutica transferiu as imperfeições do domínio ético para a classe de problema técnico.

²¹ Idem p. 62 Trad. O ambiente passa a ser visto como um meio artificial e o profissional da saúde como o burocrata que designa a cada um o seu canto.

Diante dos limites de espaço desta reflexão serão descritos, de maneira muito resumida, dois perfis de profissionais ou fisioterapeutas, a começar, aqui, pelo denominado fisioterapeuta executor.

O fisioterapeuta executor, apresentado aqui, talvez, caricaturizado, é o profissional egresso da universidade como um profissional formatado e blindado. Seu perfil formatado está antecipadamente traçado nos manuais do currículo e das disciplinas acadêmicas. Os conhecimentos e as competências de intervenção específica numa área da saúde. As doenças, as anormalidades, as lesões, etc. e as pessoas afetadas por elas já estão, também, pré-conhecidas. A tarefa profissional é só sair a campo e agir em nome deste formato científico, pois seu perfil está, também, blindado por um conjunto de normas, contido no código ético, mais conhecido como deontologia.

O segundo perfil é o do fisioterapeuta criador. Este é o profissional que deixa a universidade apenas com uma bagagem de conhecimentos com um conjunto de valores a partir dos quais cria seus procedimentos terapêuticos. O seu diploma não lhe garante que suas intervenções na realidade já estão pré-determinadas. O seu ponto de partida está na realidade concreta, e sua intervenção criativa respeita a formação científica e o conhecimento das normas morais, mas a decisão define como elemento principal a história de cada paciente. Não é preciso, para completar esse perfil, basta retomar o que foi exposto sobre o ser humano e a corporeidade.

O fisioterapeuta criador não confia cegamente nos conhecimentos construídos pelo intelecto raciocinante e veiculados por conceitos abstratos conforme o paradigma das lógicas lineares simplificadoras, ele procura outras formas de conhecer, cujo paradigma é o da complexidade ou, segundo Fritjof Capra, o paradigma ecológico “que concebe o mundo como um todo integrado, e não como uma coleção de partes dissociadas”²². O mesmo pode ser transferido para a compreensão do ser humano.

A faculdade humana que se adapta ao paradigma ecológico é a intuição. Infelizmente ela foi excluída das faculdades cognitivas da cientificidade moderna pela razão que não funciona dentro das lógicas lineares e nem por conceitos abstratos. Henri Bergson (1859-1941) fundador do intuicionismo filosófico, define a intuição como a faculdade suprema do impulso vital. Somente pela intuição se atinge a interioridade profunda das coisas.²³

No campo da ética, o fisioterapeuta criador, além de respeitar os princípios das éticas cognitivistas, busca inspiração na ética da estética, isto é, a ética da sensibilidade, aliada próxima da intuição. No campo da sensibilidade, certamente, entram em cena as trepidantes questões do tocar e da pele. Para coroar esse espaço de criatividade, é importante repetir Konrad Lorenz: “A mais importante capacidade do ecólogo regional consiste no fato de perceber, inicialmente de modo não racional” (...) “É a esta característica que se costuma chamar de ‘olho clínico’ do médico (fisioterapeuta) experiente”. (...) “Seu esquecimento foi provocado pelo pensamento cientificista”.²⁴

Essas referências, acima expostas, constituem o laboratório onde o fisioterapeuta criador elabora os procedimentos terapêuticos aos seus pacientes.

²² Capra, Fritjof. *A Teia da Vida*. São Paulo, Cultrix. 1996. P. 24.

²³ Cf. Bergson, Henri. *Matière et Mémoire*. Paris. I vol. In-8º, Coll. B.P.C. 1963

²⁴ Lorenz, Konrad. *Op. Cit.* P. 197.

CONCLUSÃO

Uma conclusão sem concluir. A conclusão cabe a cada leitor. Aqui há lugar, apenas, para algumas curtas observações.

Cada fisioterapeuta é o que é pelas suas opções e decisões. Não se trata de dizer eu sou um ou outro, ou eu tenho este ou aquele perfil. Os pressupostos escolhidos definem o perfil. E esses pressupostos foram expostos ao logo de toda a reflexão.

Aquele que opta pelo perfil do fisioterapeuta executor goza da segurança e da proteção das instituições vigentes.

Aquele que opta pelo perfil do fisioterapeuta criador precisa ter consciência que vai enfrentar desafios e conflitos freqüentes. Por exemplo, as ciências não respaldam uma ação baseada na intuição. Os conhecimentos e os procedimentos intuitivos ainda que tenham, e certamente tem, inspiração na formação acadêmica e na sua experiência, em última instância são de responsabilidade plena do profissional.

Numa comparação entre os dois profissionais, em relação às suas decisões, as conseqüências são muito distintas. No caso do primeiro perfil, cuja ação terapêutica é científica, sempre que há um insucesso, este é atribuído ao remédio ineficaz ou ao paciente que não reagiu. Nenhuma responsabilidade do profissional. Em caso de sucesso, todo mérito fica para o profissional.

Para o segundo perfil, quando houver sucesso, graças a uma decisão intuitiva, há dois aspectos. A intuição não é reabilitada. Ela continua marginalizada. O mérito fica como resultado do acaso. Quando há insucesso o único vilão é o profissional.

Por fim, para resumir a mensagem deste capítulo, a seguinte citação de Gadamer não poderia ser mais adequada: "Essa é, como eu penso, nossa parte como ser humano, de fazer com que o futuro esteja sempre mantido novamente aberto e de abrir novas possibilidades".²⁵

²⁵ Gadamer, Hans-Georg. O Caráter Oculto da Saúde. Petrópolis, RJ. Editora Vozes. 2006.